

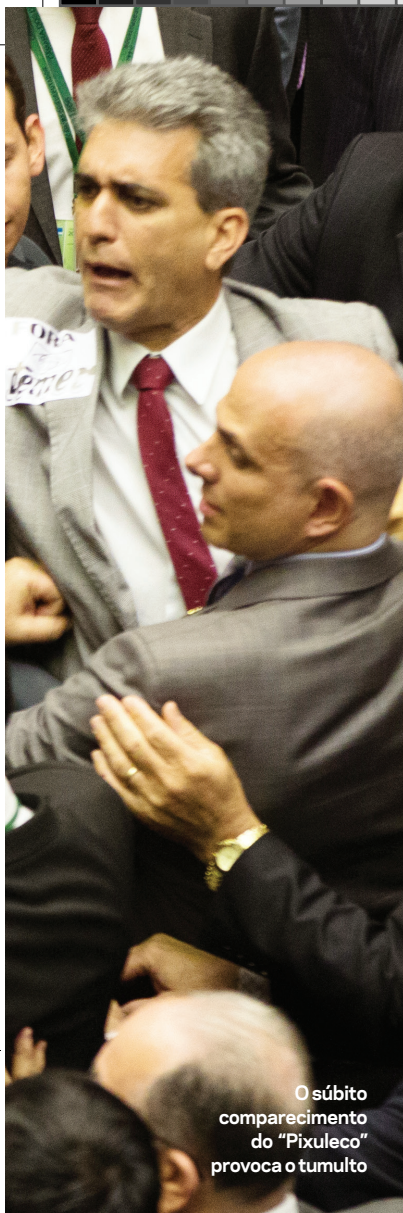


A ORDEM É: ELE FICA

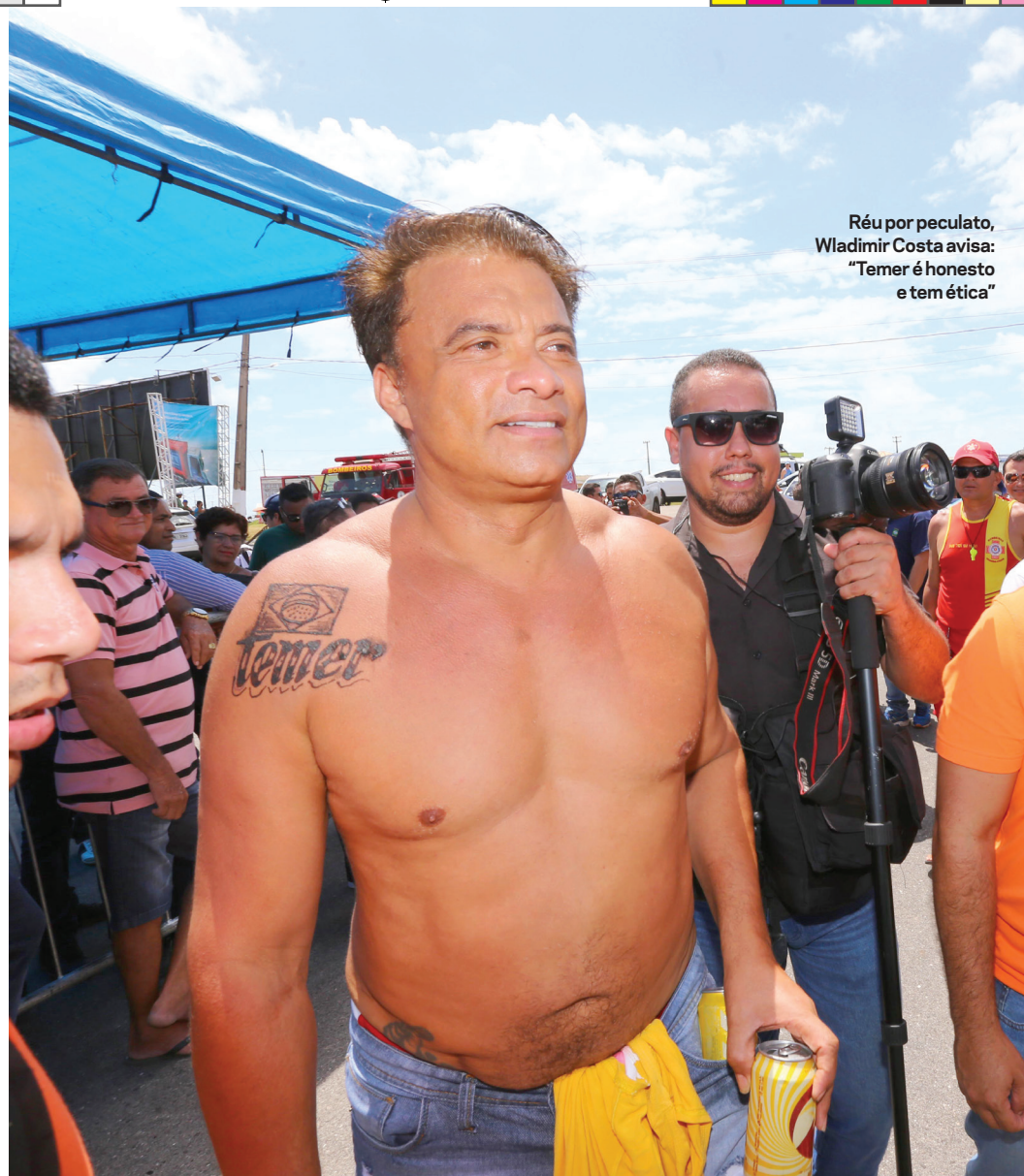
PSDB, "CENTRÃO", PIB E "MERCADO" FAZEM VISTA GROSSA AO ESCÂNDALO FRIBOI E DÃO SOBREVIDA A TEMER, DE OLHO NA INCERTA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DO ANO QUE VEM

por ANDRÉ BARROCAL

LULA MARQUES/JAGTE E MARCO SANTOS/FOLHAPRESS



O súbito comparecimento do "Pixuleco" provoca o tumulto



Réu por peculato, Wladimir Costa avisa: "Temer é honesto e tem ética"

A gosto viu o suicídio de Getúlio Vargas, acidentes fatais para Juscelino Kubitschek (de carro) e Eduardo Campos (de jatinho), passeatas que deram início à renúncia de Fernando Collor e ao *impeachment* de Dilma Rousseff. Já Michel Temer, com imagem de satanista, segundo o marqueteiro João Santana, e que acredita haver fantasmas no Palácio da Alvorada, pode erguer as mãos aos céus. O destino, real ou metafórico, não chegou para ele nesse mês fatídico. Enquanto o peemedebista estiver no poder, a Justiça não poderá investigar se seria repartida com o chefe da nação a propina de meio milhão de reais

recebida da JBS-Friboi pelo "homem da mala", Rodrigo Rocha Loures. A primeira acusação de corrupção contra um presidente no cargo no Brasil foi arquivada pelos deputados.

Sem protestos de rua, com a turma do PIB felicíssima com reformas antipovo enfiadas pelo governo goela abaixo da população mesmo sem aval das urnas e com uma desinibição de *stripper* ao liberar verbas para comprar apoio parlamentar, Temer venceu na Câmara.

Foram 263 votos a favor e 227 contra, folga de 91 além do necessário para se safar. Uma sessão a expor a alegre promiscuidade do grosso dos deputados com o presidente, simbolizada na figura de um radialista eleito pelo Pará, Wladimir Costa, do Solidariedade. Réu por peculato, acusado de embolsar parte

do salário de assessores, foi o primeiro a ir à tribuna defender Temer na hora H. Chamou-o de "homem honesto, que tem ética", depois arrumou encrenca com petistas por agitar bonecos infláveis de um Lula presidiário. Com o nome de Temer tatuado no ombro direito, jantara com o ídolo na véspera e, na saída, a uma repórter que lhe pedira para mostrar a *tattoo*, suspeita de ser de mentirinha, desasas que saem na água, respondera: "Pra você, só se for o corpo inteiro".

Figurase comentários ridículos à parte, a salvação de Temer – aparentemente temporária, vem aí outra "flechada" do procurador-geral da República, Rodrigo Janot – teve na eleição de 2018 um fator-chave. A um ano da campanha, o *establishment* político e empresarial ainda não possui um cavalo competitivo. Na

REPORTAGEM DE CAPA

nova pesquisa CUT/Vox Populi, a dianteira segue com Lula, Jair Bolsonaro e Marina Silva, nomes de fora das chamadas elites, embora a ex-ministra tenha demonstrado em 2014 que topa entrar na roda. Para salvar Temer, ele próprio, o PMDB e o “Centrão” jogaram uma isca: manter o poder em Brasília agora, para que todos o usem para renová-lo em 2018. Recorde-se que muita gente aí está encrocada na Operação Lava Jato, e ter os instrumentos do governo ajuda a proteger o pescoço. A possibilidade de ir para a eleição ao lado desse bloco, todos montados na máquina pública e a encarnar o *establishment*, o “mercado”, atraiu o PSDB, partido sem presidenciáveis inspiradores até aqui. Os tucanos racharam na votação sobre Temer, estão à beira da implosão, mas a maioria colaborou com o presidente, de olho numa futura sociedade eleitoral.

O fantasma de Lula também passou na escapada do presidente. Não faltou votante pró-Temer a dizer na Câmara ser melhor blindar o peemedebista para não premiar o PT. “Nós sabemos que a queda do presidente hoje seria a volta do PT, a volta da esquerda”, disse ao votar o pastor Marco Feliciano, do PSC de São Paulo. Um dia antes, o dono da mansão que foi uma espécie de QG do *impeachment* de Dilma, o deputado Heráclito Fortes, do PSB do Piauí, dizia no plenário a um colega aparentemente indeciso: “Vamos entregar para o PT?” Baita mudança de posição por parte de quem, logo após o estouro do escândalo da Friboi, comentava nos corredores que Temer encastelara-se no Planalto, resistente a renunciar: seria preciso mostrar-lhe que não tinha mais condições de ficar.

O próprio PT não está muito triste com a sobrevivência do presidente, apesar de sua bancada ter votado 100% a favor de o Supremo Tribunal Federal processar Temer por corrupção no caso da mala. Se



Maia acredita candidamente em Temer: se houver recuperação econômica e ele estiver bem nas pesquisas, torna-se candidato ideal

o STF abrisse o processo, o peemedebista seria afastado do cargo por até seis meses. Se condenado, adeus em definitivo. Muito petista pensa ser mais fácil triunfar em 2018 caso Temer esteja no poder. O governo é tão impopular e patrono de medidas idem, o desemprego é tão grande que o eleitorado estaria inclinado a votar por “mudança”, não no governismo. Sentimento que talvez contribua para entender a falta de qualquer manifestação dos movimentos sociais, muitos ligados



Skaf participa de um raro espetáculo de hipocrisia: a estabilidade econômica está aí

ao PT, no dia da vitória de Temer na Câmara, na quarta-feira 2.

Mas será que com o fantasma de Lula e a inexistência de um candidato até aqui forte de quem o próprio ex-presidente chama de casa-grande, a próxima eleição acontecerá normalmente? Ou surgirá alguma gambiarra, quem sabe o parlamentarismo, logo com esse Congresso corrupto e surdo às ruas da história nacional? Certo é que o grupo político que tomou o poder em 2016 tem sonhos continuístas. Na véspera da salvação de Temer pelos deputados, Eliseu Padilha, ministro da Casa Civil, comentou com um interlocutor: “O PMDB terá candidato a presidente em 2018”. Um nome para manter a sociedade com o “Centrão”, massa amorfa de deputados sem qualquer projeto para o País, exceto para si: estar no poder para se perpetuar e lucrar. Uma trupe comprada pelo Planalto com cargos e verbas para emendas, estas negociadas pelo chefe da Secretaria de Governo, o deputado tucano Antonio Imbassahy, da Bahia, em plena sessão da Câmara que arquivou a denúncia contra Temer.

O comentário de Padilha, um investigado por corrupção em decorrência de delações da Odebrecht, por crime ambiental e por grilagem, não foi o primeiro sinal continuísta. Em julho de 2016, o presidente da Câmara, o temerista Rodrigo Maia, do DEM, disse em público que, se Temer estivesse bem nas pesquisas e a economia se recuperasse, seria candidato natural à reeleição, o único capaz de unir a base governista. Em reunião com senadores peemedebistas, o ministro da Integração Nacional, Helder Barbalho, do PMDB do Pará, um recém-acusado de receber propina da JBS-Friboi, disse certa vez que, a partir de 2017, a economia embicaria para cima e daí o governo poderia partir para a reeleição.

Doce ilusão, a recuperação do PIB. O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, foi incapaz de gerar crescimento e já está às voltas com um pepino. A meta fiscal de 139 bilhões de reais em déficit

EVARISTO SAIA/AF E MARCELO CAMARGO/ABR



Padilha garante:
"O PMDB terá
candidato em 2018"

este ano terá de mudar, por falta de arrecadação. Fala-se em até 20 bilhões a mais de rombo. O que não impediu Temer de baixar uma Medida Provisória com anistia de 8 bilhões em dívidas de ruralistas e redução de uma taxa que aliviará os fazendeiros em uns 2 bilhões anuais. Tudo às vésperas de a Câmara decidir o seu destino. A nova meta fiscal terá de ser aprovada no Congresso, do contrário o governo correrá risco de "pedalada". Vem aí nova facada em Temer por parte dos parlamentares.

O que embala as ambições eleitorais da trupe no poder, mesmo diante da impopularidade, é a orfandade do *establishment*. Simpatia dos endinheirados há. Um representante do "mercado" conta que o pessoal ali está encantado com Temer, devido à disposição dele de levar adiante medidas antipopulares, como o congelamento por duas décadas de gastos em saúde, educação etc. e a reforma trabalhista, e de ainda pretender mexer nas regras das aposentadorias. Na antevéspera da votação da denúncia contra o presidente, ouviu-se o seguinte de um diretor do Banco Safra: "Ainda vamos ter saudades do Temer".

Um deputado de Minas, votante a favor de Temer, diz ter percorrido 20 cidades do estado nas suas férias de julho. Por onde passou, lideranças empresariais pregaram a permanência do peemedebista. "O governo não é popular, mas tem apoio nas elites", afirma. Algumas pesquisas sugerem que é por aí mesmo. Os ricos gostam do denunciado no caso da milionária mala. Conforme um Datafolha de junho, 42% das pessoas com renda acima de dez salários mínimos achavam que o presidente deveria concluir o mandato. Patamar superior à média nacional, de 30%. Logo após a blindagem de Temer pela Câmara, a Fiesp, federação das indústrias paulistas, *bunker* do Fora Dilma, comemorou,

**NA ANTEVÉSPERA
DA VOTAÇÃO
DE 2 DE AGOSTO,
UM DIRETOR DO
BANCO SAFRA
DISSE: "AINDA
TEREMOS
SAUDADES
DE TEMER"**

em nome da "estabilidade econômica". Não poderia ser outra a postura de um setor que tanto quis a reforma trabalhista, a vigorar a partir de novembro com regras barateadoras do trabalhador, via precarização, e da concentração de poderes julgadores no Tribunal Superior do Trabalho, onde é mais fácil fazer *lobby*.

O caso de amor de Temer com as chamadas elites e o "mercado" feriu o PSDB, o queridinho do grande capital desde a neoliberal administração de Fernando Henrique Cardoso. O tucanato talvez já não possa mais ser considerado "o representante" do capital, nem o partido natural do *establishment* econômico em eleições. Mas ainda pode ir para as cabeças na campanha de 2018, em caso de acordo com o PMDB. Essa cartada foi jogada pelo Planalto para ter votos tucanos pró-Temer. Dois dias antes da votação na Câmara, um deputado jilhadista de Temer, o peemedebista gaúcho Darcísio Perondi, recebedor de 100 mil reais doados pelo presidente na eleição de 2014, era explícito: "Se o PSDB sonha em querer ter candidato a presidente no ano que vem com sucesso, ele pode realizar esse sonho com o PMDB. O PSDB com seu sonho de poder só com o PMDB".

O canto da sereia funcionou. Por ora, o PSDB não possui candidato presidencial vistoso, e a estrutura partidária capilarizada do PMDB e a máquina federal podem ser valiosas na eleição. Na pesquisa CUT/Vox Populi, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, alcança 8%. O prefeito paulistano, João Doria Júnior, 4%. Melhor seguir casado com o governo federal para ver como as coisas se ajustam. A escolha teve um preço, no entanto. Se houve algum derrotado nesse processo, além do "xerife" Janot, foi o PSDB. O partido sai destroçado. Desde o início do escândalo da Friboi, o tucanato fez várias reuniões para tomar uma decisão, mas nunca conseguiu consenso. Valeu o



REPORTAGEM DE CAPA

cada um por si. O racha ganhou números na votação. Foram 22 deputados a favor de Temer e 21, contra. Detalhe: o chefe da articulação política do Planalto é tucano.

A falta de um candidato competitivo até aqui é culpa do próprio PSDB. No afã de defenestrar o PT e assumir o poder na marra, após quatro derrotas eleitorais seguidas, o tucanato empurrou parte da sociedade para a extrema-direita, ajudou a satanizar a esquerda e a política. Quem tirou proveito, no entanto, foi o reacionário Jair Bolsonaro, recebido com festa em aeroportos do País. O deputado-militar votou contra Temer, aliás. Hoje em um partido evangélico, o PSC, está de malas prontas para o PEN, para concorrer por ele à Presidência. O Partido Ecológico da Nação até estuda mudar de nome após a filiação se consumir. Não quer parecer muito “ecológico”. Em uma reunião do PSDB paulista no início de junho, para discutir o apoio ao governo Temer, José Aníbal, suplente do senador José Serra, explicitou a agonia eleitoral tucana diante de Bolsonaro, ao pregar a continuidade da aliança com o presidente acusado de corrupto: “Não queremos que no ano que vem prevaleça uma polarização salvacionista, Bolsonaro, Lula... Isso só vamos conseguir se o Brasil voltar a crescer”.

Outro tiro no pé de presidenciáveis tucanos foi o embalo dado à Lava Jato. José Serra e o também senador Aécio Neves estão enrascados no Supremo em inquéritos decorrentes de delações da Odebrecht. A situação de Aécio, presidente licenciado do PSDB, é até pior. Às suas odebrechtianas encrencas somaram-se também umas friboianas. Foi denunciado por Janot ao STF por corrupção passiva e obstrução da Justiça, em virtude da delação do criminoso-empresário Joesley Batista. Liberado pela Corte na véspera das férias forenses de julho para voltar ao Senado, Aécio acaba de ter um terceiro pedido de prisão apresentado pela PGR. O juiz do caso, Marco Aurélio Mello, pretende levar o pedido a julgamento até o fim de agosto.

Exultante, Temer
reanuncia a reforma
da Previdência



Foi Mello quem deixou o tucano voltar ao Senado. Livre, leve e solto, Aécio esteve à vontade para trabalhar por um PSDB pró-Temer. Com chances eleitorais quase nulas na corrida ao Planalto e sem trampolim em Minas, só lhe resta ficar pendurado no governo, para ver como as coisas vão evoluir. Inclusive, como se ajeita sua situação judicial. O autor do parecer favorável à salvação de Temer votado na quarta-feira 2 é um aliado de Aécio, o deputado mineiro Paulo Abi-Ackel, do PSDB. No sábado anterior, Aécio jantou com Temer no Palácio do Jaburu, alegre confraternização entre denunciados no escândalo da Friboi justamente no local em que começou o crime presidencial apontado por Janot. Para ajudar o parceiro, Aécio até deu umas cotoveladas no presidente interino do PSDB, o senador cearense Tasso Jereissati, simpaticamente da degola do peemedebista.

No dia da blindagem de Temer na Câmara, um deputado aecista preocupava-se com o tamanho da votação contra o presidente na banca paulista do PSDB. Para ele, somente um ficaria ao lado do presidente. Acertou: dos 12 votos, 11 enforcaram o peemedebista. O placar, teorizava ele, seria visto pelo Planalto e o

**DERROTADO
NO PENOSO
EPISÓDIO O PSDB,
RACHADO,
COMO MOSTRA
A VOCAÇÃO:
22 VOTOS “SIM”
E 21 “NÃO”**

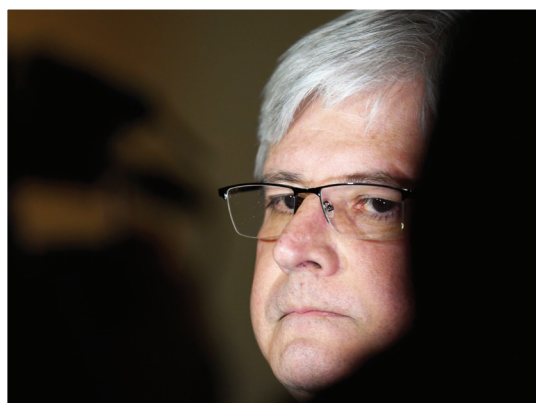
BETO BARATA/PR, GERDAN WESLEY, MARCELO CAMARGO/ABR E EVARISTO SA/AF



José Aníbal:
"Não queremos
que prevaleça
uma polarização
salvacionista,
Bolsonaro, Lula..."



Enquanto Janot prepara uma nova
flechada, já que bambu não falta, Aécio
sofre o terceiro pedido de prisão



"Centrão" como obra de Alckmin, moderadamente reticente com a permanência do PSDB no governo. O perigo agora é Alckmin acabar isolado politicamente por Temer, talvez o PSDB inteiro, como vingança. O PSDB corre o risco real de sumir, com alas internas, sobretudo as mais jovens, mais identificadas com uma postura bolsonariana, dispostas a abandonar a legenda. "Enquanto isso, o PT acumula discurso", dizia o deputado aecista.

O PT e as legendas mais progressistas estiveram praticamente unificados contra Temer, casos de PSB, PDT, PCdoB e PSOL. Todos os 58 votos do PT foram a favor de investigar o presidente, apesar de, na véspera, o governador da Bahia, o petista Rui Costa, ter liberado dois secretários estaduais (um do PT, outro do PSD) para reassumir o mandato de deputado federal e defender Temer. Costa temia que a queda do peemedebista fortalecesse seus inimigos

baianos do DEM, partido de Rodrigo Maia, o sucessor da faixa presidencial. Em vão. Seus secretários votaram contra Temer. O placar petista no Dia D para Temer não reflete o sentimento alimentado secretamente no partido, de que será mais fácil vencer a eleição se Temer sangrar no cargo. "Duas coisas me impressionam: a capacidade de resistência do Temer e o silêncio das ruas", dizia o deputado Wadih Damous, petista do Rio, no dia da vitória do presidente. E por que o silêncio? "Criminalização da política." Parece haver mais outra explicação. A dita classe média que infernizou Dilma não tolerava era o PT. Certa corrupção, no entanto, tolera.

Triunfante, Temer fez um pronunciamento à imprensa, a prometer que seguirá com suas reformas, inclusive a da Previdência, apesar de o placar na Câmara indicar que ele não tem votos para mexer na Constituição. Declarou ainda não ter sido uma "vitória pessoal", tremenda cascata. Durante a sessão, ligou para alguns hesitantes para dizer que considerava aquela votação um assunto pessoal, conforme contou um dos telefonados a *CartaCapital*. Afirmou também que não descansará até 31 de dezembro de 2018. Será? Janot prepara uma última flechada em Temer, por obstrução à Justiça e organização criminosa, com base em delações da JBS e do doleiro Lúcio Funaro, a ser apresentada até o "xerife" sair de cena, em 17 de setembro. Um PGR que cometeu "loucuras" e teve no STF um cúmplice na falta de "sobriedade", nas palavras do verborrágico Gilmar Mendes, alvo de um pedido de *impeachment* por coisas parecidas.

Na oposição, há quem aposte que Temer pode não sobreviver à votação de uma próxima denúncia, a depender da repercussão na base eleitoral dos deputados que já se sacrificaram pelo presidente. Façam suas apostas. •